

ESPECIAL SBEE

O ENSINO E A PESQUISA EM ETNOECOLOGIA E ETNOBIOLOGIA NA REGIÃO NORTE DO BRASIL

Por Dr. Moacir Haverroth

Pesquisador EMBRAPA Acre

Nos últimos anos, temos visto grande crescimento do ensino e da pesquisa em etnobiologia e etnoecologia em todas as regiões do Brasil. O número de publicações lançadas é um reflexo desse movimento e, por um efeito de retroalimentação, acaba impulsionando novos projetos de pesquisa com esse enfoque. Na Região Norte, não tem sido diferente. Porém, a região tem dimensão relativamente maior e menor concentração de especialistas. Esses fatores acabam criando um cenário de escassez de projetos de pesquisa num ambiente com alta diversidade biológica e cultural como é a Amazônia.

Nosso intuito, aqui, é traçar um panorama geral do ensino e da pesquisa em etnoecologia na Região Norte, fazendo um levantamento dos trabalhos feitos até aqui e das perspectivas para o futuro próximo. Não temos a pretensão, no entanto,

de esgotar as informações sobre o assunto, pois, para tanto, haveria necessidade de uma avaliação mais aprofundada. Na Região Norte, predomina o bioma Amazônia, de maneira que trataremos aqui deste bioma, mas restritos ao Brasil.

Um marco importante foi o Primeiro Congresso Internacional de Etnobiologia (ICE), com o lançamento da Carta de Belém e a fundação da Sociedade Internacional de Etnobiologia e Etnoecologia (v. Posey & Overal, 1990). Dessa forma, a Amazônia marcou significativamente o início de uma nova fase para a etnobiologia brasileira e mundial.

Antes dessa data, no entanto, houve importantes contribuições, tanto de pesquisadores isolados ou ligados a instituições de pesquisa, como o Museu Paraense Emílio Goeldi. Muitos trabalhos não foram

cunhados de “etno-”, porém, atendem às características típicas da área em, pelo menos, algum ponto, seja pela metodologia de coleta de dados, pelo público alvo ou pelo tipo de análise realizada.

A etnobiologia, ainda não com esse termo conhecido, como trabalho científico, no Brasil, teve seus primórdios através dos cientistas viajantes ou naturalistas. Dentre estes, podemos citar, como exemplo, as anotações de Karl Friedrich Phillipp von Martius, em sua viagem pelo Brasil, de 1817 a 1820, quando colheu dados obtidos da convivência com grupos indígenas acerca de doenças, alimentação, sistemas de cura e plantas medicinais (v. Martius, 1979), onde aparecem referências a grupos amazônicos. Isto, ainda antes do surgimento da antropologia como ciência. Ainda no século XIX e início do século XX, Barbosa Rodrigues já realizava trabalhos tipicamente etnobotânicos entre diversas populações nativas do Brasil, como grupos Tupi-Guarani e os então chamados Tapuios do Vale do Amazonas, Paraguai e Mato Grosso

(v. Barbosa Rodrigues, 1992), sendo que havia uma incrível semelhança com os trabalhos etnocientíficos da linha cognitiva das décadas de 50 e 60, desde Harold Conklin até Brent Berlin e outros, guardadas as peculiaridades da época.

A Suma Etnológica Brasileira teve o seu volume 1 (Ribeiro, 1987) voltado à etnobiologia. Entre os trabalhos apresentados, há alguns mais antigos (Lévi-Strauss, Sauer, Métraux, Heizer, Cooper, Gilmore) e outros mais recentes (Carneiro, Prance, Elizabetsky, Chernela, Kerr, Posey, Zarur), tratando de aspectos etnobotânicos e etnozoológicos de grupos indígenas do Brasil, dentre os quais, a Amazônia é parte importante.

A obra de Richard Evans Schultes pertence à tradição dos grandes botânicos que têm estudado a Amazônia. Foi um dos pioneiros da etnobotânica e da etnofarmacologia, estudou os múltiplos usos que as culturas indígenas dão às plantas, sobretudo no Amazonas (<http://www.muscaria.com/schultes.htm>, 11/10/07). É considerado o

pai da etnobotânica moderna (para uma biografia, ver <http://www.harvardsquarelibrary.org/unitarians/schultes.html>, 18/10/07).

Frikel & Cavalcante (1973) publicaram um estudo sobre a farmacopéia dos Tiryó, entre Brasil e Suriname (Terra Indígena Parque do Tumucumaque). Paulo Cavalcante pesquisou diferentes disciplinas ligadas à Botânica, incluindo a Etnobotânica (v. Secco, 2007).

Darrel A. Posey destacou-se como um dos mais importantes etnobiólogos da geração que surgiu a partir dos anos oitenta. Posey (1987), ao estudar os Kayapó, demonstra a sofisticação com que eles interagem com o ambiente, refletindo tanto no modo como classificam os seres do mundo natural e as diferentes zonas ecológicas, quanto nas suas complexas técnicas agrosilviculturais.

Berta Ribeiro teve uma contribuição importante, principalmente entre os povos indígenas do Rio Negro (v. Ribeiro,

1995), onde documenta o papel da mandioca em sua agricultura, alimentação, comércio e até na produção de peças artesanais destinadas ao beneficiamento da raiz, demonstrando que tais atividades são importantes na rede de relações sociais e comerciais entre os vários grupos e desses com os não índios da região.

A etnozologia Yanomami, grupo Sanumá, no norte de Roraima, foi estudada por Taylor (1977). A etnoornitologia é uma área importante para o estudo das aves. Na Amazônia, destacam-se os estudos de Jensen (1988), que analisa a classificação das aves pelos Wayampi, Urubu-Ka'apor, Sateré-Mawé e Apalaí, e Giannini (1991), que estudou a classificação das aves pelos Kayapó-Xikrin do Pará.

A etnobotânica dos Waimiri-Atroari, entre o norte de Amazonas e sul de Roraima, foi o foco de estudo de um grupo de pesquisadores do Royal Botanic Gardens (Reino Unido), do Programa Waimiri Atroari (Manaus), Universidade de Cape Town (África

do Sul) e Departamento de Biologia da Universidade do Amazonas (v. Milliken et al., 1992). Um trabalho de Bruce Albert e William Miliken (1999) trata de um paciente trabalho de etnobotânica dos Yanomami realizado entre 1993 e 1994, recém publicado em português com o título “Urihi A - A Terra-Floresta Yanomami”.

Charles Clement, pesquisador da área de genética e melhoramento vegetal do INPA, tem também estudado e publicado acerca de questões da etnobiologia, incluindo preocupações com biopirataria (v. Clement, 1990 e Clement & Alexiades, 2000).

Laure Emperaire destaca-se como importante pesquisadora em etnobotânica e conhecimentos tradicionais, tendo estudado manejo de recursos biológicos na Amazônia, com destaque para a mandioca (v. Emperaire, 2000, 2002, 2005 e Emperaire et al., 2001).

William Balée é um dos maiores nomes da etnobiologia na Amazônia. Entre os seus muitos trabalhos, destacamos um estudo

sobre a persistência do conhecimento etnobiológico tradicional na Amazônia, onde o autor enfoca a Família Tupi-Guarani (Balée, 2000).

O estudo de quintais tem se revelado área interessante para a etnobiologia e, na Amazônia, alguns trabalhos vêm sendo realizados nesta área, sendo um dos mais conhecidos e citados o de Amorozo & Gély (1988), com populações caboclas do Baixo Amazonas, no Pará. Estudos com quintais urbanos têm sido mais raros, principalmente na Amazônia, onde, em muitas cidades, ocorrem em alta densidade e frequência, se destacando na paisagem (Pacheco, 2003). Os quintais têm sido definidos como uma modalidade de agricultura urbana, uma área ainda pouco estudada na Amazônia. Na Embrapa Acre, temos projetos de levantamento de plantas de quintais urbanos de bairros da cidade de Rio Branco, cujos resultados (v. Haverroth & Freitas, 2008) demonstram a importância dos mesmos para a população local.

Especificamente em plantas medicinais e etnofarmacologia, destacamos alguns pesquisadores, como Maria Elizabete Van Den Berg (p.e. 1993), do INPA, com seu trabalho sobre sistemática; L.C. Di Stasi, com sua pesquisa no município de Humaitá, comunidades ribeirinhas do rio Madeira e na aldeia dos Tenharim, no Amazonas (Di Stasi & Hiruma-Lima, 2002); o trabalho etnobotânico de L.C. Ming na Reserva Extrativista Chico Mendes (v. Ming, 2006). E. Elizabetsky tem sido uma das principais referências em etnofarmacologia no Brasil e, durante dez anos, pesquisou na Amazônia o uso de plantas por comunidades caboclas, indígenas e de seringueiros (v. p.e., Elizabetsky, 1990).

Muitos dados etnobiológicos da Amazônia podem ser encontrados nas etnografias de antropólogos que aqui vieram estudar as diferentes populações, principalmente indígenas. Na série de seis volumes do *Handbook of South American Indians*, editada por Julian H. Steward, na década de quarenta do século XX, vários

autores clássicos (Alfred Métraux, Claude Lévi-Strauss, Reichel-Dolmatoff, Leslie White, Erwin H. Ackerknecht, entre outros) aparecem como correspondentes, indicando já uma ligação entre pesquisadores das ciências naturais e da antropologia.

Delvair Montagner Melatti e Júlio Cezar Melatti, desde 1975, vêm estudando os Marubo e apresentam dados interessantes da etnomedicina e etnoecologia do grupo (v. Melatti & Melatti, 1975; Montagner, 1991), com detalhes sobre a nomenclatura, classificação e uso dos “remédios do mato” ou *mani pei rao*.

Nos últimos anos, diálogos entre antropologia da saúde e ciências biológicas têm gerado estudos interessantes sobre os sistemas locais de saúde, onde as plantas medicinais são elementos importantes dentro de contextos de intermedialidade, termo inicialmente empregado por Greene (1998) ao discutir o xamanismo dos Aguaruna da Amazônia Peruana. Os estudos de xamanismo têm dado muitas contribuições à

etnobotânica e etnofarmacologia da Amazônia, ao levantar dados sobre os vegetais utilizados nos rituais xamânicos ou religiosos, geralmente com propriedades psicoativas, sendo os mais conhecidos a chacrona (*Psicotria viridis*), o cipó jagube ou simplesmente cipó (*Banisteriopsis caapi*), entre outros.

Organizações Não-Governamentais vêm atuando na Amazônia e, pela própria natureza do trabalho, têm fortes relações com a etnobiologia e etnoecologia. Em alguns casos, o trabalho de pesquisa é, essencialmente, participativo, onde indivíduos das próprias populações participam ativamente do processo de pesquisa e de co-autoria. Como exemplo, citemos a obra “Peixe e Gente no Alto Rio Tiquié” (Cabalzar, 2005), um trabalho minucioso, trilingue e ilustrado e em que os participantes aparecem como autores ou colaboradores. No Acre, a Comissão Pró-Índio do Acre vem trabalhando com formação e pesquisa participativa com Agentes Agroflorestais Indígenas, tendo também publicações em co-autoria

em português e nas línguas próprias. O Instituto de Pesquisas Ecológicas (Ipê) tem trabalhos entre populações tradicionais e indígenas no Estado do Amazonas. Como exemplo, em 2005, iniciou o projeto “Etnobotânica e Manejo Agroflorestal no Entorno da Estação Ecológica de Anavilhanas (ETNO)”, financiado pelo Fundo Nacional do Meio Ambiente (FNMA), tendo como fruto o lançamento, em 2009, do livro “Diálogos agroecológicos...” (Cardoso & Semeghini, 2009).

A Enciclopédia da Floresta (Carneiro da Cunha & Almeida, 2002) “*nos oferece múltiplas visões de uma importante região da floresta amazônica – de sua diversificada biota, de sua história recente e das pessoas que a habitam, com sua própria compreensão localizada desses fenômenos*”, como descreve William Balée (2004), numa resenha da obra. Uma característica importante do livro é o fato de ter sido escrito por vários pesquisadores importantes da área, pertencentes a diversas disciplinas, além de moradores da região do Alto Juruá, no Acre. Para Balée

(op. cit.), trata-se de um exemplo admirável da colaboração entre cientistas, regionais e nativos.

Um estudo das plantas da Ilha de Duraka, em São Gabriel da Cachoeira, Amazonas, resultou num livro (Aguiar, 2005) com dados sobre a etnobotânica de seus moradores. A continuidade do trabalho estará sendo apresentado em dissertação de mestrado em breve.

Em cada Estado da Região Norte, podemos encontrar professores e pesquisadores ou núcleos de pesquisa que trabalham com enfoque etnoecológico. As principais instituições ainda são as Universidades Federais, o INPA, o MPEG, o IEPA (Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá) e as Unidades da Embrapa da Região Norte. Nessas instituições, diversos projetos de pesquisa e desenvolvimento vêm sendo executados, especialmente com povos tradicionais e indígenas. Em dezembro de 2009, organizamos o Encontro da Rede de Agriculturas de Base Familiar da Embrapa, em

Macapá-AP, com pesquisadores e analistas das Unidades da Embrapa da Região Norte e participantes de outras instituições. Neste, foi dado ênfase à etnociência. Dessa forma, há o intuito de fortalecer a etnoecologia nas Unidades da Embrapa, com a perspectiva de trabalhos em rede.

Com relação ao ensino de etnobiologia e etnoecologia, ainda não verificamos o estabelecimento de disciplinas ou cursos específicos nessas áreas. O que se observa são cursos esporádicos ou a inclusão do tema em disciplinas afins, principalmente nos cursos de ciências biológicas e ciências sociais/antropologia, bem como em alguns cursos de pós-graduação. Nestes, o ensino se dá muito mais através da relação entre orientador-orientando. Essas inserções dependem muito do perfil dos professores de cada instituição, onde são poucos aqueles com formação em etnoecologia e etnobiologia, principalmente com as metodologias que estão sendo estabelecidas mais recentemente.

Finalizando, acreditamos que haverá um crescimento da pesquisa em etnobiologia/etnoecologia na Região Norte, principalmente através das possibilidades de projetos em rede que vêm se apresentando através de editais. A realização de eventos, como os Encontros Regionais de Etnobiologia e Etnoecologia, serve de impulso para a atração de novos estudantes, professores e pesquisadores. Entretanto, a área ainda depende do esforço de poucos profissionais nesta Região.

Referências Bibliográficas

AGUIAR, M.O.; MALHEIROS, E.N. (org.), 2005. Plantas da Ilha de Duraka, São Gabriel da Cachoeira, Amazonas: estudo etnobotânico. Manaus: Editora Valer.

AMOROZO, M.C.M.; GÉLY, A., 1988. Uso de plantas medicinais por caboclos do baixo Amazonas, Barcarena/Pa. *Boletim do museu Paraense Emílio Goeldi*, 4(1):47-131.

BALÉE, W.L., 2000. Antiquity of Traditional Ethnobiological Knowledge in Amazonia: The Tupi-Guarani Family and Time.

Ethnohistory - Volume 47, Number 2, pp. 399-422.

BARBOSA RODRIGUES, J., 1992. *A Botânica. Nomenclatura Indígena e Seringueiras*. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro [1905/1900, Rio de Janeiro: Imprensa Nacional].

BERG, Maria Elisabeth van den. 1993. *Plantas Medicinai na Amazônia: contribuição ao seu conhecimento sistemático*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1993.

CABALZAR, A. (org.), 2005. *Peixe e Gente do Alto Rio Tiquié: conhecimentos tukano e tuyuka, ictiologia, etnologia*. São Paulo: Instituto Socioambiental.

CARDOSO, T.M. & SEMEGHINI, M.G. (orgs.), 2009. *Diálogos agroecológicos: conhecimentos científico e tradicional na conservação da agrobiodiversidade no rio Cuieiras (Amazônia Central)*. Manaus: Instituto de Pesquisas Ecológicas, 2009.

CARNEIRO DA CUNHA, M.; ALMEIDA, M.B. de (orgs.), 2002. *Enciclopédia da Floresta: o Alto Juruá: práticas e conhecimentos das populações*. São Paulo: Cia. das Letras.

CLEMENT, C.R., 1990. Introduction to botanical resources. *In: Ethnobiology: Implications and Applications*. Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology (Posey, D.A., W.L. Overal, C.R. Clement, M.J. Plotkin,

E. Elisabetsky, C.N. da Mota & J.F.P. de Barros, eds.). Secretaria de Ciência e Tecnologia/CNPq, Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, Pará, pp. 245-247.

CLEMENT, C.R.; ALEXIADES, M.N., 2000. Etnobotânica e biopirataria na Amazônia. In: *Tópicos atuais em botânica - palestras convidadas do 51º Congresso Nacional de Botânica* (Cavalcanti, T.B.; Teles Walter, B.M., eds.). Sociedade Botânica do Brasil, Brasília, DF, 23-29.07.00, pp. 250-252.

DI STASI, L. C. & HIRUMA-LIMA, C. A., 2002. *Plantas Medicinais na Amazônia e na Mata Atlântica*. 2ª Edição revisada e ampliada. São Paulo: Editora da UNESP.

ELIZABETSKY, E. (ed.), 1990. Ethnopharmacology. In: *Ethnobiology: implications and applications*. Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology (Belém, 1988), vol. 2. (D.A. Posey & L.W. Overal, orgs.). Belém: MPEG, pp. 107-164.

EMPERAIRE, L., 2000. Entre floresta y ciudad: estrategias de producción en el Rio Negro Medio. *Bulletin de L'institut Francais D'etudes Andines*, 29(2): 215-232.

EMPERAIRE, L., 2002. A agrobiodiversidade, o exemplo das mandiocas na Amazônia. *Ciência Hoje*, 32(187): 28-33.

EMPERAIRE, L., 2005. A biodiversidade agrícola na Amazônia brasileira: recurso e patrimônio. *Revista do Patrimônio*

Histórico e Artístico Nacional, 32: 31-43.

EMPERAIRE, L.; PINTON, F.; SECOND, G., 2001. Manejo de la diversidad varietal de la yuca en la Amazonia del noroeste. *Etnoecologica*, 5(7): 38-59.

FRIKEL, P.; CAVALCANTE, P.B., 1973. A Farmacopéia Tiriyó. Belém, Brasil, CNP/INPA/ MPEGi. *Publicações Avulsas* n. 24: 145.

HAVERROTH, M.; FREITAS, R.R., 2008. Ethnobotanical Study of urban homegardens of the municipality of Rio Branco, State of Acre, Brazil: medicinal and food plants. Resumos, p. 28 *XI International Congress of Ethnobiology*, Cusco, Peru, 25-30 junho. Disponível em <http://www.icecusco.net/Sesion_Poster_06_11th_International_Congress_Of_Ethnobiology_Cusco_Peru.pdf>, acesso em 08/02/10.

GIANNINI, I.V., 1991. *A Ave resgatada: "A Impossibilidade da Leveza do Ser"*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.

GREENE, S., 1998. The Shaman's needle: development, shamanic agency, and intermediality in Aguaruna Lands, Peru. *American Ethnologist* 25(4):634-58.

JENSEN, A.A., 1988. *Sistemas indígenas de Classificação de Aves: aspectos comparativos, ecológicos e evolutivos*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.

MARTIUS, K.F.P. von, [1939]1979. *Natureza, doenças, medicina e remédios dos índios brasileiros: 1844*. 2ª edição. São Paulo: Editora Nacional.

MELATTI, J.C. & MELATTI, D.M., 1975. Relatório sobre os índios Marubo. *Série Antropologia* 13. Brasília. Disponível em <www.unb.br/ics/dan/Serie13empdf.pdf>, acesso em 17/10/2007.

MILLIKEN, W.; ALBERT, B; 1999. *Yanomami. A Forest People*, Royal Botanic Gardens, Kew, London, UK.

MING, L.C., 2006. *Plantas medicinais na Reserva Extrativista Chico Mendes (Acre): uma visão etnobotânica*. São Paulo: Ed. UNESP.

MILLIKEN, W; MILLER, R. P.; POLLARD, S. R. & WANDELLI, E. V., 1992. *Ethnobotany of the Waimiri-Atroari Indians of Brazil*. London: Royal Botanical Gardens.

MONTAGNER, D. 1991. Mani Pei Rao: remédios do mato dos Marubo / Mani Pei Rao - Remedies in the Woods of Marubo. In: Buchillet, D. (org.). *Medicinas tradicionais e medicina ocidental na Amazônia*. Belém, CEJUP, pp. 463-87.

PACHECO, S.O.O., 2003. *Avaliação de pomares em quintais urbanos nos bairros consolidados da cidade*

de Manaus. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Amazonas.

POSEY, D.A., 1987, Manejo da floresta secundária, capoeiras, campos e cerrados (Kayapó), in: *Suma Etnológica Brasileira*, volume I: etnobiologia (B. Ribeiro, org.), Petrópolis: Vozes.

POSEY, D.A. & OVERAL, W.L. (orgs.), 1990. *Ethnobiology: implications and applications*. Proceedings of the First International Congress of Ethnobiology (Belém, 1988), vol. 1 e 2. Belém: MPEG.

RIBEIRO, D. (Ed.), 1987. *SUMA Etnológica Brasileira*. Volume 1: Etnobiologia (B. Ribeiro, coord.). Petrópolis: FINEP/Vozes.

RIBEIRO, B., 1995. *Os Índios das Águas Pretas*. São Paulo: Edusp/Companhia das Letras.

SECCO, R., 2007. Paulo Cavalcante: o Botânico da Amazônia. <http://www.museu-goeldi.br/sobre/NOTICIAS/21_05_07_%20Paulo%20Cavalcante%20o%20Bot%20nico%20da%20Amaz%C3%B4nia.htm>, acesso em 16/10/07.

TAYLOR, K.I., 1977. Sistemas de classificação e ciência do concreto. *Anuário Antropológico* 76. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, pp. 121-148.